



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**EDIVÂNIA FLORO NICÁCIO**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO SURDO NA TELENOVELA CAMA DE  
GATO: dupla diferença ou intersecção de conceitos?**

**GUARABIRA  
2014**

**EDIVÂNIA FLORO NICÁCIO**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO SURDO NA TELENOVELA CAMA DE GATO: dupla diferença ou intersecção de conceitos?**

Monografia apresentada pela aluna Edivânia Floro Nicácio, do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UEPB – CH – Campus III – Guarabira., em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de graduada em Pedagogia, sob a orientação da Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca

**GUARABIRA  
2014**

N582r Nicácio, Edivânia Floro

A representação do negro surdo na telenovela cama de gato: dupla diferença ou intersecção de conceitos? / Edivânia Floro Nicácio. – Guarabira: UEPB, 2015.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca, Departamento de Pedagogia.

1. Identidade Étnica. 2. Deficiência Auditiva. 3. Classe Social e Raça. 4. Santa Rita. I. Título.

22.ed. CDD 300

EDIVÂNIA FLORO NICÁCIO

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO SURDO NA TELENOVELA CAMA DE GATO: dupla diferença ou intersecção de conceitos?**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Formação docente

Aprovada em: 01/12/2014

**BANCA EXAMINADORA**

Ivonildes da Silva Fonseca

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Ivonildes da Silva Fonseca (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aluska Peres Araújo

Prof.<sup>o</sup> Me. Aluska Peres Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

Prof.<sup>o</sup> Me. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino ao meus pais minha irmã e meu esposo. Meus amores !!!

## AGRADECIMENTOS

*A Deus por ter me dado o dom da vida, força para chegar até aqui.*

*A meus queridos pais Antônio Floro Sobrinho e Josefa Floro Nicácio que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida.*

*A minha irmã Euricleide Floro Nicácio que sempre me incentivou para estudar, seu exemplo de força e coragem serviram de alicerce para minha jornada.*

*Ao meu espesso Peterson S. Almeida que me esperou todos esses anos com amor, paciência, carinho e dedicação.*

*As minhas amigas do coração Roberta Barbosa e Tamiris da Silva que fizeram parte dessa caminhada alegrando minhas manhãs durante esses quatro anos.*

*A Universidade, seu corpo docente e administrativo que oportunizaram vislumbrar um horizonte riquíssimo em conhecimento.*

*A minha orientadora prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivonildes da Silva Fonseca que me proporcionou os melhores anos da minha vida; a senhora é um exemplo de ser humano e de profissional, tê-la como professora fez toda diferença em minha vida. ÁDUPÉ! ÁDUPÉ! ÁDUPÉ!*

*A toda equipe do Hospital Instituto Lauro Sousa Lima/Bauru/SP especialmente a minha médica Dr<sup>a</sup> Norma G. Cleto que sempre cuidou de mim com competência, carinho, atenção.*

*A assistente social Margot Garcia Ribeiro por estar ao meu lado durante essa árdua caminhada.*

*A Psicóloga Magdalene Lorenzetto que contribui para que eu pudesse concluir esse projeto de vida.*

*A todos os mestres que passaram por mim na Universidade deixando um pouco de si.*

*Aos amigos/as que direta ou indiretamente me ensinaram, incentivaram, contribuindo assim para o meu crescimento humano e profissional.*

Tudo Posso  
Celina Borges

Posso, tudo posso Naquele que me fortalece  
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir  
Quero, tudo quero, sem medo entregar meus projetos  
Deixar-me guiar nos caminhos que Deus desejou pra mim  
E ali estar

Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim  
Vou persistir e mesmo nas marcas daquela dor  
Do que ficou, vou me lembrar

E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou  
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar  
Vou persistir, continuar a esperar e crer  
E mesmo quando a visão se turva e o coração só chora  
Mas na alma há certeza da vitória

Posso, tudo posso Naquele que me fortalece  
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir

Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim  
Vou persistir, e mesmo nas marcas daquela dor  
Do que ficou, vou me lembrar

E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou  
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar  
Vou persistir, continuar a esperar e crer  
Eu vou sofrendo, mas seguindo enquanto tantos não entendem

Vou cantando minha história, profetizando  
Que eu posso, tudo posso... em Jesus!

## Resumo

Este trabalho é resultado pesquisa iniciada no Componente Curricular Pesquisa I, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UEPB/CH e por conseguinte deu margem a estas discussões. A pesquisa foi de natureza qualitativa e tomou como fontes bibliografias temáticas e a telenovela Cama de Gato. No corpo do texto há uma reflexão sobre a interseccionalidade dos conceitos de raça e surdez, e por extensão dá fluxo ao questionamento sobre a ideia da estética negra visibilizada pela da cor da pele e os atributos físicos vistos apenas por um único padrão. Sendo assim o enfoque desta pesquisa pretende cientificar como estas características têm sido manifestadas na mídia televisiva, ora enfocando o sujeito por ser negro, ora por ser surdo. Para tanto, nos apoiamos nos autores Perlin (2011), Thoma (2011) e Skliar, (2013), (2011), Estrobel, (2000), Geertz, (2008), Munanga, (1984), Guimarães, (2006), Holfbauer, (2006), Bardin, (2011), Freire (1996), Costa, (2007), Telles, (2004), Hall, (2006), Foucault, (1984) que discutem sobre os Estudos Culturais, Estudos Surdos e Educação. Assim, partimos da análise de como a sociedade enxerga este simulacro do indivíduo com dupla diferença, trazendo este olhar para a nossa realidade. Consideramos esta discussão extremamente pertinente tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade em geral, uma vez que no Brasil existem pouquíssimas investigações científicas a respeito dessa intersecção de estereótipos na mídia televisiva. Dessa forma este trabalho faz emergir os vários discursos racistas e preconceituosos com os quais nos confrontamos diariamente, tanto nas telenovelas quanto na vida real. Tais discursos vêm cheios de intencionalidades contribuindo para a cristalização de uma ideia engessada do sujeito “normalizável”. Entendemos que esta discussão é extremamente relevante para que possamos lançar um olhar crítico sobre a educação de negros e surdos, além de contribuir com a quebra de estereótipos negativos para com estes sujeitos corroborando para a valorização do mesmo na sua totalidade, englobando os aspectos sociais, culturais, educacionais, linguísticos, econômicos em uma sociedade plural e multifacetada.

Palavras – chave: Identidade étnica, deficiência auditiva, classe social e raça

## Abstract

This work is a result of research initiated in Curriculum Research Component I, of course Licenciatura em Pedagogia UEPB / CH and therefore gave rise to these discussions. The research was qualitative in nature and took as bibliographies and thematic sources *Cama de Gato* soap opera. In the text there is a reflection on the concepts of intersectionality of race and deafness, and by extension gives flow to questions about the idea of the black aesthetic visualized by skin color and physical attributes seen only by a single standard. Thus the focus of this research aims to scientificize characters how these have been expressed in the broadcast media, now focusing on the guy for being black, either by being Deaf. For this, we rely on the authors Perlin (2011), Thomas (2011) and Skliar, (2013), (2011), Estrobel, (2000), Geertz (2008), Munanga, (1984), Guimarães (2006), Holfbauer, (2006), Bardin (2011), Freire (1996), Costa (2007), Telles (2004), Hall (2006), Foucault (1984) who discuss the Cultural Studies and Deaf Studies education. Thus, we start from the analysis of how society sees this simulacrum of individual double difference, bringing this look at our reality. We consider this highly relevant to both the academic community and to society in general discussion, because in Brazil there are very few scientific investigations about this intersection of stereotypes in television media. Thus this work brings out the various racists and bigots with which we face daily in both soap operas and in real life speeches. Such speeches are full of intentions contributing to the crystallization of a plaster idea "normalizável" subject. We understand that this discussion is extremely important for us to cast a critical eye on the education of black and deaf, as well as contributing to the break negative stereotypes towards these subjects may contribute to further enhancement of the same in its entirety, encompassing social, cultural, educational, linguistic, economic and multifaceted in a plural society.

Keywords - Keywords: Ethnic Identity, hearing impairment, social class and race

## Sumário

1. Introdução.....p. 12
2. Capítulo I – Negro Surdo: um corpo humano em evidência.....p. 16
3. Capítulo II – Breve retrospectiva sobre a educação da população negra.....p.21
4. Capítulo III – Discutindo a educação do surdo.....p. 24
5. Capítulo IV – A representação do negro surdo em Cama de Gato: análise de capítulos.....p. 37
6. Considerações Finais.....p. 40
7. Referências.....p. 41

## 1. Introdução

Este trabalho compõe a continuidade das pesquisas iniciadas durante a Graduação (2011.1), que culminaram na feitura da monografia intitulada: “A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO SURDO NA TELENVELA CAMA DE GATO: dupla diferença ou intersecção de conceitos?” (2015.2) o qual apresentei como Trabalho de Conclusão de Curso a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UEPB Campi III Guarabira. A minha área de estudo dentro do curso de Pedagogia sempre se relacionou com temáticas referentes aos Estudos Surdos e Estudos Culturais.

Após o levantamento bibliográfico pertinente a pesquisa passamos para a fase exploratória onde teceremos algumas considerações que julgamos pertinentes a respeito das barreiras encontradas no campo da pesquisa quando o assunto refere-se à alteridade.

Este trabalho propõe-se investigar a intersecção de conceitos do indivíduo surdo/a e negro/a inserido/a no ambiente escolar, ou seja, examinar a suposta diferença desse indivíduo. Seguindo esta linha epistemológica buscamos a colaboração de uma adolescente surda e negra incluída na escola regular de ensino na cidade de Guarabira; a interação com a mesma ocorreu de forma tranquila, visto que, temos conhecimentos básicos na língua brasileira de sinais, durante conversas informais era perceptível a negação da mesma sobre sua cor. Ela não se concebia como negra. Afirmava ser “morena”, dizia sou surda. Negra não! Esta não aceitação da cor da pele era algo inquietante para nós.

Mais adiante que foi a coleta de dados nos deparamos com vários obstáculos dentro da instituição<sup>1</sup> de ensino tida como referência em inclusão na cidade de Guarabira onde residimos. A primeira recusa em fornecer os dados para compor a pesquisa partiu do corpo docente da escola, os/as professores/as recusaram-se a prestar quaisquer tipo de informações sobre a

---

<sup>1</sup> Não citaremos o nome da Instituição de ensino localizada na cidade de Guarabira- Paraíba por questões éticas.

rotina escolar da adolescente surda e negra inserida naquele ambiente educacional, posteriormente procuramos o gestor da escola que também negou-se a contribuir com a pesquisa. Predominou o silêncio! Que também podemos entender como resposta.

Tal posicionamento dos/das professores/as e seus/suas respectivos superiores só vem reafirmar a existência de um preconceito velado e suas várias formas de revelar-se.

Diante da impossibilidade de realizar a pesquisa dentro da escola que é, ou deveria ser um espaço democrático fomos impulsionadas/os a buscar outra fonte de pesquisa, assim optamos por analisar a telenovela Cama de Gato exibida pela Rede Globo de Televisão e “essa escolha se concretizou” por a mesma apresentar em sua trama um adolescente com as mesmas características físicas da colaboradora, [ele] o personagem é adolescente negro e apresenta deficiência auditiva<sup>2</sup>.

Nesse caso modificaram-se simplesmente os cenários e o atores sociais, saímos da realidade e fomos para a ficção, contudo acreditamos que a fantasia da teledramaturgia é o reflexo da nossa sociedade e dessa forma prosseguimos a investigação sobre a dupla diferença de ser surdo e negro inserido numa sociedade reguladora.

Sabemos que documentar cientificamente a telenovela não é algo novo, para isso referenciamos o Núcleo de Pesquisa em Telenovelas (NPTN) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP que já vem desenvolvendo pesquisas em caráter científico sobre a influência da mídia televisiva no dia-a-dia dos telespectadores. Nestas perspectivas analisamos a telenovela Cama de Gato exibida em 2010 pela rede globo de televisão o qual apresenta em seu contexto secundário um jovem negro que é acometido por uma doença<sup>3</sup> que causa perda auditiva profunda.

Assim, o presente texto apresenta uma reflexão sobre a intersecção de conceitos do indivíduo negro e surdo, tais categorias trazem consigo

---

3 - A otosclerose é uma osteodistrofia focal primária da cápsula ótica de etiologia desconhecida que acomete indivíduos geneticamente predispostos. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-72992004000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-72992004000100012&script=sci_arttext) acesso: 10/01/2015.

características singulares consideradas pela classe elitista branca e ouvinte, como sendo inaceitável para a sociedade.

Dessa forma, pensar a representação do surdo e do negro na mídia televisiva brasileira, não é tarefa fácil, haja visto que vivemos em um país que não se declara racista nem preconceituoso, todavia por entre linhas observamos uma valorização demasiada da cor de pele branca em detrimento do não branco e do ouvinte em relação ao Surdo.

Desenvolvendo a análise, verificamos que a fantasia da telenovela se encontra na construção da identidade do sujeito, pondo o negro e o surdo sempre em condições de subjugação. Neste sentido, verificamos a emergência de evidenciar este tema com o fim de trazer noções de intersecção de conceitos na tentativa de compreendermos como estas identidades são produzidas e reproduzidas de forma estereotipada na mídia televisiva, contribuindo de forma significativa para a invisibilidade desses atores sociais tanto na fantasia como na vida real.

Ressaltamos que é preciso levar em consideração que a televisão é o meio de comunicação e informação de massa existente nos mais diversos espaços públicos e privados. Em linhas gerais, este meio é um sistema eletrônico de reprodução de imagens e som de forma instantânea, mais acessível a todas as camadas sociais da população e com isso colabora na formação e/ou deformação da compreensão social acerca do indivíduo, fazendo com que o sujeito negro e surdo receba uma visão estreita, rígida e limitada a seu respeito.

Desse modo, percebemos que uma parcela significativa da população brasileira acaba sendo influenciada a tratar o negro e/ou surdo com altivez e hostilidade, simplesmente por sentir-se incomodado com a negritude e a singularidade destes sujeitos que estão sempre sendo subjugado pelo seu opressor. Deve-se entender que a telenovela é meramente o que é: um meio. Ou seja, as informações só chegam à extremidade alvo por terem sido produzidas em outro extremo.

Neste contexto nos apoiaremos no corpus teórico dos autores que discutem sobre os Estudos Culturais, Estudos Surdos e Educação entre eles Crenshaw, (2002), Skliar, (1997), Perlin (2007) Thoma (2011), Geertz, (2008),

Munanga, (1984), Guimarães, (2006), Holfbauer, (2006), Bardin, (2011), Hall, (2006), Foucault, (1984) entre outros.

Como fonte de pesquisa, utilizamos a telenovela brasileira *Cama de Gato*<sup>4</sup>, produzida pela Rede Globo. Nosso foco de estudo está contido nas cenas secundárias do ator Heslander Vieira que interpreta Tarcísio, um jovem negro que perde a audição quase completamente em consequência de uma doença, a otosclerose.

Para o tratamento dos dados coletados utilizamos como técnica a análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (2011), oportunamente discutiremos alguns pontos relevantes à pesquisa, tendo em vista que a referida metodologia reúne um conjunto de três importantes elementos que compõem as etapas que serão narradas a seguir:

- Pré- análise – selecionamos os materiais necessários a serem analisados de acordo com o objetivo da pesquisa;
- Exploração do material como o próprio nome já diz, este momento é exatamente para examinar minuciosamente todos os textos, músicas, personagens os materiais de modo geral. Consideramos que esta é a fase mais densa da pesquisa, pois esclarece as unidades de registro, que podem ser uma palavra, uma frase, um personagem, levando em consideração o contexto sócio- cultural, bem como o papel social do/a personagem analisado; seguindo a seqüência temos as regras de contagem que servem para identificar a freqüência com que aparecem certos elementos do texto, bem como a ordem dos mesmos, pois se determinadas palavras aparecem mais que outras e com maior freqüência certamente há uma significativa importância introduzida na mesma; o último passo desta etapa é a escolha das categorias. Estas categorias são vistas como reflexos da realidade, escolhidas de acordo com inúmeros critérios. Como exemplo podemos citar, o tema, os adjetivos, linguagem oral e escrita, posição social, etnia e referente a telenovela analisada temos uma marcante categoria que é a deficiência auditiva.

---

<sup>4</sup> O título *Cama de Gato* é uma expressão popular do Brasil que significa “armar uma cilada”.

- O tratamento dos resultados – ao analisar os dados selecionados, pede uma revisão da literatura referente ao tema, pois a afinidade entre ambos é que dará sustentação a análise, ou seja, ao interpretarmos os dados pertinentes a pesquisa é possível identificarmos e compreendermos os significados contidos nas entrelinhas das mensagens.

Dessa forma, o objetivo da análise de conteúdo é ir além do que está explícito, buscar o que está subentendido, na tentativa de encontrar um texto sobre o outro, diferentes realidades presentes nas mensagens submetidas a análise.

Assim, selecionamos os capítulos mais relevantes que abordam as questões relacionadas a intersecção de conceitos do indivíduo negro/surdo e como tais ideias estereotipadas são introjetadas dentro da instituição de ensino. Nesse sentido uma das questões postas é saber até que ponto a escola atua na reprodução de uma sociedade hierarquizada que privilegia o branco/ouvinte em detrimento do surdo/negro. Sabemos que racismo, preconceito e discriminação<sup>5</sup> ainda são interrogações na sociedade brasileira, e a escola também não foge a essa regra. Sobre estes grupos singulares. Partindo desse pressuposto, fizemos uma análise criteriosa das cenas que julgamos relevantes para a pesquisa representadas pelo ator supracitado no intuito de encontrar respostas para as minhas indagações. Como pesquisadora iniciante me pergunto: Porque o negro e o surdo causa antipatia aos não negro e aos ouvintes? Ser surdo é motivo para inabilitar uma pessoa? O que significa ser diferente? Porque os surdos e os negros são rotulados como menos inteligentes? Tais questionamentos tentaram ser respondidos ao longo da pesquisa, entretanto enfatizamos que não buscamos verdades absolutas, mas, sim, buscamos refletir sobre questões específicas dos Estudos Culturais e Estudos Surdos.

---

### **Negro surdo: um corpo em evidência**

Precisamos fazer uma reflexão sobre a história Afro-brasileira e a história da comunidade surda, para somente assim sermos capazes de entender como se construiu está suposta superioridade entre brancos e negros e dos ouvintes sobre surdos.

Observamos que estes sujeitos quando negros são massacrados pela classe elitizada branca. E quando tem a surdez como singularidade, são tratados pela maioria esmagadora de ouvintes como sendo seres “incapazes” de desenvolvimento tanto social quanto educacional, e por vezes são confundidos com doentes mentais por não usarem a linguagem oral como meio de comunicação.

Neste sentido as autoras Gladis Perlin e Strobel, (2005) corroboram dizendo que “a modalidade oralista baseia-se na crença de que é a única forma de comunicação desejável para o sujeito surdo, e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização”.

Percebemos que essa visão preconcebida sobre étnia e surdez coloca estes sujeitos surdos e negros numa posição de subserviência, haja visto que no Brasil as características físicas do indivíduo são rotuladas negativamente, ou seja, são extremamente desvalorizadas.

A autora Perlin Apud Lourenço acrescenta que,

ao focalizar a representação da identidade surda em estudos culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai explicar a identidade surda. O conceito de corpo danificado remete a questões de necessidade de normalização, o que significa trabalhar o sujeito surdo do ponto de vista do sujeito normal ouvinte (2005, p.25).

A citação acima nos faz acreditar que a telenovela fortalece a produção de estereótipos e também dita regras, traça linhas padronizadas, sobre as quais os sujeitos ditos “normais” devem seguir e aqueles que por opinião se

desvia deste caminho; são considerados improdutivos e conseqüentemente são hostilizados e marginalizados.

Nesse sentido a construção de estereótipos vem tomando grandes proporções na mídia televisiva como em todos os contextos sociais, forjando assim uma imagem inferiorizada do surdo e do negro nos vários espaços sociais, o que contribui para a internalização de valores negativos a respeito dessas pessoas.

Como bem expõe Telles, observamos que os,

Estereótipos raciais sobre os negros são comuns na mídia. Apesar do orgulho nacional de ter uma sociedade multirracial, a televisão brasileira – talvez o mais importante difusor da cultura nacional – apresenta atores que são em sua maioria brancos e, surpreendentemente, louros. O ativista negro Hélio Santos freqüentemente declara que a televisão brasileira, sem volume, poderia ser confundida com a televisão sueca. Apesar de sua enorme presença na sociedade brasileira, os negros estão praticamente ausentes da televisão ou, quando presentes, são relegados a papéis subalternos, embora pequenas mudanças comecem a surgir. Quando negros são representados, a televisão brasileira freqüentemente reforça os estereótipos, influenciando a audiência a associar os negros a certa forma de comportamento. Em contraste, pessoas e famílias brancas aparecem como símbolos de beleza, felicidade e sucesso da classe média. A televisão tem grande influência na cultura popular brasileira, principalmente através do discurso das populares novelas, que buscam retratar as vidas dos brasileiros e, freqüentemente, a história do Brasil. Em uma análise cuidadosa sobre as telenovelas, Araújo (2000) descobriu que, em um período de cinquenta anos, os escritores e produtores da televisão brasileira retrataram o Brasil como um país europeu, reforçando os valores da pele branca e eliminando muitos dos aspectos populares da cultura brasileira. [...], Araújo também descobriu que a celebração popular da miscigenação – que é apresentada nos romances de Jorge Amado e outros autores, e que ocupa um lugar importante na cultura e identidade nacionais – foi raramente defendida ao longo dos cinquenta anos das telenovelas brasileiras. No entanto, Araújo mostrou que, nos anos 1990, os negros finalmente começaram a atuar em papéis importantes, sugerindo que os escritores e produtores começam a acompanhar a luta brasileira para lidar com a diversidade racial. Todavia, os negros continuam a ser sub-representados na televisão. D'Adesky (2001) descobriu que, nas 25 telenovelas transmitidas entre 1993 e 1997 pela Rede Globo, apenas 7,9% dos 830 atores que atuaram eram pretos ou pardos. ” (2004, p.128).

Dentro desta cosmovisão do sujeito estereotipado notamos como estes rótulos ferem e agredem o indivíduo negro e surdo, e como essa maneira de proceder das pessoas interfere nas relações sociais e educacionais destes grupos negros e surdos. Seguindo essa lógica percebemos o quanto somos

bombardeados/as pela influência midiática e como essa ação age no nosso inconsciente.

Sabemos que tais discursos ideológicos veiculados na mídia tem suas raízes fixadas no absolutismo de um grupo europeizado o qual pretende dar ganho a tudo aquilo que é considerado “normal”, e o que não se enquadra nesta definição normativa, é posto a parte. Preterido.

Para Costa (2007),

(...) O termo mídia concentra vários significados. Mídia é o aparato de difusão da informação capaz de produzir e transmitir mensagens (rádio, cinema, televisão, escrita impressa em livros, revistas, boletins, jornais e hoje também o computador, o videocassete, a internet, os meios eletrônicos e telemáticos, inclusive as diversas telefonias). Para além do aparato de difusão, mídia é também o conjunto de artefatos culturais por ele produzido e posto em circulação (filmes, novelas, desenhos animados, noticiários, shows, peças publicitárias, jogos, personagens, personalidades, etc. etc. etc.). Tal conjunto é produtivo no campo da significação, da interpelação e do governo, operando e integrando dispositivos que acionam discursos, práticas, táticas e movimentos em que está implicado o poder (COSTA, 2007, p. 07)

Assim, como bem enfatizou Costa (2007), o termo mídia concentra vários significados. Analisamos a mídia como um quarto poder, pois no caso do negro e do surdo, ela insinua qual deve ser o lugar social do negro/a, do Surdo e de todos aqueles/as que não correspondem a essas exigências. Afastar-se disto significa ficar à margem social.

Para entendermos um pouco melhor os diversos olhares sobre o corpo, devemos levar em consideração o posicionamento do filósofo Michel Foucault, (1984), a esse respeito, pois o mesmo,

aponta, como o corpo se tornou objeto de uma das mais fortes regulações sociais. Assim, o mesmo nunca foi tão penetrado, auscultado, examinado, não só pelas novas tecnologias médicas, mas também pelas mutações do olhar delas decorrentes [...] o adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar; tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular; individualizada – o homem – como produção do poder.[...] o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, e como tal, constituída historicamente. (p.12-26)

Além disso, devemos ter o entendimento de como são construídas as diferenças, isto é, de como se dá a construção desses conflitos, para isso basta observar como Guacira Lopes Louro trata essa problemática em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação*, quando ela aborda a questão da relação de poder, pois para ela, “[...] a atribuição da diferença está sempre implicada em relações de poder, a diferença é nomeada a partir de um determinado lugar que se coloca como referência” (1997, p.47)

Como também, coloca David Le Breton em seu livro *A Sociologia do corpo*, a visão negativa construída em torno das pessoas que possuem algum tipo de deficiência, proporciona uma análise contrária da essência do ser humano, ao invés de observar a beleza interior que cada indivíduo é possuidor, dessa forma buscam apenas a constituição de um corpo perfeito, sem qualquer tipo de deficiência, como vemos a seguir:

Nossas sociedades ocidentais fazem da “deficiência” um estigma, quer dizer, um motivo sutil de avaliação negativa da pessoa. Fala-se então de “deficiente” como se em sua essência o homem fosse um ser “deficiente” ao invés de “ter” uma deficiência (2007, p.73-74)

De forma oportuna afirmamos que a noção de preconceito se refere a um julgamento prévio injusto e negativo em relação a um grupo ou a uma pessoa sem, muitas vezes, nem ao menos conhecê-la. A discriminação é uma atitude de segregar baseada no preconceito. Tanto o preconceito quanto a discriminação são práticas reiteradas sobre o negro e fica mais evidente quando o sujeito tem algum tipo de deficiência.

Esses indivíduos são previamente descartados e para livrarem-se desse descarte têm que travar uma dupla luta: a luta com a sua baixa autoestima e a luta com quem age para baixar a sua autoestima.

Segundo Munanga (1993, p.16),

Nesse contexto, podemos compreender que as raças são na realidade construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver os negros e os brancos como diferentes na forma que fomos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a

classificar, [...], também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual”.

Atualmente é muito comum ouvirmos falar que vivemos em um país democrático, porém vale ressaltar que esses discursos utópicos não passam de mito; visto que, por trás desta cortina de fumaça ideológica compartilhamos de ideias racistas e preconceituosas a respeito dos sujeitos supracitados consciente ou inconscientemente colocamos em relevo apenas as marcas negativas construídas ao longo do processo histórico.

Ao tratar da questão Crenshaw (2002, p.177), explica,

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

O pensamento explicitado acima reúne os dois lados desse problema, e como o mesmo atinge todas as esferas da sociedade. Desta mesma forma, a prática do preconceito fica de alguma forma inserida na consciência das pessoas, cristalizando ainda mais os conflitos sociais e educacionais, alimentando uma competição ainda mais desumana em que apenas os mais fortes, isto é, os que tem atributos correspondentes aos padrões estabelecidos, sobrevivem e vencem.

Nesta direção Edward E. Telles (2004, p.126) afirma,

A discriminação parte de representações sociais informadas por estereótipos raciais acerca dos não-brancos. Preconceito é baseado em estereótipos envolvendo um julgamento ou uma imagem criada pelas pessoas que se baseiam em atributos como raça e gênero. Julgamentos estereotipados são uma resposta humana comum nas interações humanas onde há pouca ou nenhuma informação disponível sobre os outros, mas podem também persistir após serem conhecidas informações adicionais sobre um indivíduo. Allport (1954) observou que essa inflexibilidade é o que diferencia preconceitos de simples pré-julgamentos. Apesar de provas em contrário, obtidas através do conhecimento alheio, as pessoas freqüentemente não abandonam ou corrigem as imagens negativas que têm de certos

grupos. No melhor dos casos, os indivíduos que desprezam os estereótipos são simplesmente conhecidos como “exceção à regra.

Os desafios citados acima indicam que devemos ter a capacidade de entender situações conflituosas, de distinguir o certo do errado, sempre avaliando com bom senso e clareza as concepções filosóficas equivocada, que herdamos como doutrinas sociais, pois estas epistemologias dão origem e/ou reproduzem saberes e valores, que regulam condutas e modos de ser e agir, constituem identidades e representações a partir das relações de poder estabelecidas nos meios sociais, educacionais, políticos e econômicos etc.

### **3. CAPÍTULO II**

#### **Breve retrospectiva sobre a educação da população negra**

Desde a origem da humanidade o ato de educar evolui. Para tanto faremos uma breve retrospectiva no sentido de refletir sobre o Decreto nº 1.331 de 17 de fevereiro de 1854 que aborda a educação do negro no século XIX para compreendermos como originou-se as desigualdades educacionais referentes a essa a população afrodescendente. Na época do Império, no Brasil ficou estabelecido que não seriam admitidos escravos nas escolas públicas do país e que está decisão de aceitar o negro em sala de aula dependia da disponibilidade do professor, como vimos o negro sempre esteve à mercê do poder hegemônico elitista.

Em outro documento legal observamos um minúsculo avanço no decreto nº 7.031- A de setembro de 1878, o mesmo determinava que o negro só poderia estudar no período noturno, porém os patrões sempre providenciavam trabalhos exaustivos para impedir a chegada deles aos bancos escolares, sendo assim historicamente estes sujeitos sempre foram discriminados e tiveram prejuízos irreparáveis em sua formação.

Após a promulgação Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 podemos comparar alguns avanços e alterações neste documento legal tendo como um dos seus objetivos essenciais,

promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º inciso IV). Define o artigo 205, a educação como um direito de todos garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”. (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2010, p.14).

Neste momento de transição em que vivemos, torna-se necessário afunilarmos as discussões dos textos das referidas leis para que possamos lançar um olhar crítico em relação a pluralidade brasileira.

Ao nos debruçarmos sobre o art. 205/CF percebemos que já era visível a preocupação do legislador com relação a Educação inclusiva ao colocar tal artigo nesta Lei, o mesmo visa enquadrar este tipo de educação no sistema geral, ou seja, visa torná-lo acessível para todos para que haja uma integração dos sujeitos na sociedade sejam eles brancos ou não.

A incorporação do Ensino de História da África (Lei 10.639/03) bem como a integração da educação bilíngue para surdos nas escolas regulares (Lei 10.436/05) ainda é vista como um desafio, visto que a sociedade paternalista a qual pertencemos trata tais culturas de forma folclórica e exótica.

Ao lançarmos o nosso olhar sobre a Lei 10.639/03 verificamos que ela torna obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana no Ensino Fundamental e Médio, nesse sentido o profissional da educação deve estar bem preparado, ter conhecimentos sobre o que pede a referida lei, visando a valorização da mesma nas instituições de ensino pública ou privada.

Contudo, o que observamos é desanimador em relação ao ensino dessa disciplina, pois vemos alguns professores despreparados para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana, sendo assim os mesmos comprometem o desenvolvimento educacional de seus alunos/as, e por fim acabam transmitindo uma visão deturpada, estereotipada e preconceituosa sobre a população negra esquecendo-se o quanto de sangue negro foi i é derramado para manter “embranquecida” a sociedade brasileira.

Assim, se faz necessário explicitar neste trabalho a relevância da Lei N° 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a Lei 9.394/1996 Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional, estabelecendo que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos

negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL. LEI 10.639/03).

A ressignificação da identidade do negro dentro e fora da escola precisa ser fortalecida e valorizada com o intuito de combatermos atitudes racistas e preconceituosas presentes em nosso cotidiano. Em síntese estas ações afirmativas de valorização do povo negro, chama a atenção para uma luta antirracista dentro e fora da escola, tendo em vista que este espaço é transmissor de saberes e tem como dever valorizar e reconstituir a cultura afro-brasileira de modo que todos sejam tratados com equidade.

Acreditamos que quanto mais informações a sociedade obtiver sobre esse assunto, menor será o pré-conceito e a discriminação em relação ao negro e ao surdo, conseqüentemente mais próximos estaremos de uma sociedade brasileira realmente inclusiva, igualitária e justa para todos, especialmente para os sujeitos supracitados que carregam em si um estigma logo que são concebidas. Segundo Skliar (2011), pressupomos que “a neutralidade com que essa educação assume o currículo foi um dos mecanismos mais nocivos quanto a limitação do acesso à informação e, sobretudo, em relação a identidade pessoal e cultural do sujeito”.

Entretanto é o que estamos acostumados a ver cotidianamente na maioria das instituições de ensino, como a escola não se assume racista, também não inclui em seu currículo métodos para arrefecer a discriminação e preconceito relativos a estes sujeitos. Desta feita, os negros são abandonados à própria sorte, isto devido a dificuldade de viver em um país que narra uma suposta “harmonia étnico racial”, todavia,

o preconceito existe e revela-se em metáforas de uso cotidiano”. Expressões como preto de alma branca, respostas como: “eu não tenho preconceito, até tenho amigos/as negros (surdos) ”, ou anedotas cretinas, como a que diz: “preto quando não faz na entrada”..., revelam, todas o racismo que impregna a vida e distorce a noção de democracia na esfera cultural. (SCHAPOCHNIK, 1996, p.115).

Dessa forma há uma disposição das pessoas meramente subjetiva de mascarar a existência do preconceito e por força do hábito preferem continuar reproduzindo ideias racistas junto à sociedade brasileira.

A autora Susan Stainback (1999, p.27) faz duas interpretações que são de extrema importância:

Quando as escolas incluem todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com os resultados visíveis da paz social e da cooperação.

Quando as escolas são excludentes, o preconceito fica inserido na consciência de muitos alunos quando eles se tornam adultos, o que resulta em maior conflito social e em uma competição desumana.

Neste sentido, quando as instituições de ensino conseguem praticar a inclusão escolar de pessoas negras, conseguem também promover a igualdade como um valor essencial para a construção de uma sociedade mais igualitária, sendo primordiais para alcançar a paz social e a cooperação constante.

#### **4. CAPÍTULO III**

##### **Discutindo a educação do surdo**

Bem sabemos que a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida pela Lei nº 10.436/2007 como sendo a língua oficial da comunidade surda brasileira e é de fundamental importância para que haja a comunicação efetiva entre surdos e ouvintes, como também para que a comunidade surda promova a sua cultura, sua identidade, sua literatura etc.

Dessa maneira recente Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1. 060/2013 e nº91/2013, contém subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa disponível no site da biblioteca digital da Unicamp, expõe em alto relevo a necessidade de escolas bilíngues para o acesso e permanência do surdo em sala de aula, percebemos que essas medidas visam transformar o quadro de exclusão social e educacional, nesta direção o relatório do GT para políticas linguísticas conclui que,

a política linguística instaurada por meio do Decreto 5.626/2005 ao regulamentar a Lei 10.436/2002 tem como consequência um planejamento linguístico de status, pois reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua nacional usada pela comunidade surda brasileira e de intervenção, pois desdobra uma série de ações de implantação e implementação da Libras no Brasil. [...], O capítulo IV do Decreto 5626/2005 prevê um planejamento linguístico para a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação. (P.08, 2014).

Diante de tal afirmação podemos inferir que há um anúncio à urgência de mudanças na educação de surdos, visando buscar novos paradigmas de ensino para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos referidos sujeitos..

A aplicabilidade da educação inclusiva deve ser capaz de corresponder às pluralidades em todas as suas formas, de maneira apropriada e com alta qualidade, a formação para a educação inclusiva deve preparar o indivíduo às diferenças direcionando suas ações às especificidades do outro.

A Lei 10.436/02 assegura em seu artigo 1º que a Língua Brasileira de Sinais é um meio legal de comunicação e expressão. Interligando a proposta do documento supracitado ao modelo de escola inclusiva que temos hoje, tomamos consciência de que existe um grande espaço vazio nas políticas educacionais ditas inclusivas.

Contudo não podemos negar que tivemos avanços significativos relacionados à educação de surdos, mas ainda assim se perpetua a mentalidade clínico terapêutica que é constantemente fortalecida por um grupo hegemônico de ouvintes que se mantém no poder, por isso as reformas educacionais ainda encontram grandes entraves para consolidar o que pede o relatório oficial enviado ao MEC para apreciação.

Nesta linha de raciocínio afirma o documento enviado ao Mec,

os instrumentos instaurados para a promoção da Libras envolvem, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de Libras para todos as licenciaturas e curso de fonoaudiologia; o compromisso dos órgãos públicos em garantir o acesso às informações na Libras para os Surdos; a criação dos cursos de formação de professores de Libras; professores de Português como segunda língua para Surdos e formação de tradutores e intérpretes de Libras e Português. O capítulo IV do Decreto 5626/2005 prevê um planejamento linguístico para a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação. ( RELATÓRIO, p.08, 2014).

Em textos do censo do IBGE de 2010 citado pelo Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1. 060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa verificamos que.

No Brasil 4,6 milhões possuem deficiência auditiva e 1,1 milhão são surdas, totalizando aproximadamente 5,7 milhões de pessoas. No Censo do IBGE foram utilizadas 3 categorias para este levantamento populacional: "não consegue de modo algum"(supostamente, ouvir e escutar); "grande dificuldade" ou "alguma dificuldade". Segundo o Censo Escolar (INEP,2012) o total de alunos surdos na Educação Básica é de 74.547, os dados indicam a fragilidade da oferta e, [...] a dificuldade de acesso à educação. (IBGE, p.06, 2014).

Com base nesses dados entendemos a emergência de mudanças significativas nas políticas públicas direcionadas para este sujeitos com características peculiares, os surdos constituem uma comunidade linguística e devem ter sua cultura reconhecida,

Historicamente, a Educação de Surdos esteve vinculada à Secretaria de Educação Especial (SEESP), de onde emanaram as políticas públicas para a área, a qual tem como foco o atendimento educacional especializado ao alunado com deficiências. Atualmente, as políticas para a Educação de Surdos encontram-se no âmbito da SECADI – Secretaria de Alfabetização Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, o que é um avanço interessante para a comunidade surda, pois a questão da surdez, definitivamente, não se inscreve na área da Educação Especial, conforme argumentado acima. Os surdos que demandam atendimento especializado são os que têm outros comprometimentos (por exemplo, surdocegos, surdos autistas, surdos com deficiência visual, deficiência intelectual, com síndromes diversas ou com outras singularidades). (RELATÓRIO ,p. 06, 2014 ([www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513)))

Ademais, percebemos que as políticas educacionais voltadas para a Educação Especial reúnem todas as deficiências em um só lugar, e isso contribui negativamente para o não reconhecimento da identidade surda como especificidade e não como “deficiência”, salvo as exceções aqueles sujeitos que além da surdez têm outro tipo de comprometimento como foi exposto acima.

Sendo assim, o relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1. 060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política

Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Pressupõe que:

Partindo das premissas e argumentações acima expostas, a desvinculação da área da Educação Especial é fundamental para que uma nova arquitetura educacional formal república se consolide na perspectiva da Educação Bilíngue de Surdos. Para tanto, é necessário que seja feita uma reestruturação da organização da SECADI relativa à educação bilíngue de surdos. (p.07, 2014).

As instituições de ensino públicas ou privadas devem ter ciência da necessidade de integração dos surdos em todas as instancias, sejam elas sociais, políticas, educacionais etc. Pois não acreditamos em inclusão sem integração, precisamos de ações concretas para efetivar a igualdade de direitos desses indivíduos. Entendemos que para haver a equidade de direitos, se faz jus que sejam cumpridos o que prega a Constituição Federal de 1988 e está por sua vez, esteja de acordo com as carências educacionais da sociedade para que possa garantir ao indivíduo a aquisição do conhecimento de forma plena, concreta e absoluta.

A partir da sinopse oficial da novela (ver anexos) é possível identificar que o papel do adolescente negro e surdo não ganha destaque. Nesse sentido o ponto principal deste trabalho foi discutirmos a intersecção de raça e surdez em um mesmo sujeito, dessa forma, sistematizamos nossos estudos na perspectiva sócio- histórico crítica. A escolha do personagem Tarcísio foi ratificada por ele corresponder às expectativas da pesquisa: o mesmo é um jovem negro surdo oriundo de uma família modesta de descendência africana.

Ele estuda em uma escola particular como bolsista, seu sonho é ser um famoso pianista, profissão genericamente exercida por pessoas não negras e ouvintes. Sua família é composta por ele, sua irmã Glória, Francisco, Regina e a sua mãe Rosenilde popularmente conhecida por Rose. Ela é separada, do seu ex-marido que por sua vez também é negro, mulhengo, gosta de jogos e farras. Eles moram no bairro da Glória na cidade do Rio de Janeiro em uma vila simplória.

O referido personagem representa as categorias que são alvo das mais variadas criações de estereótipos na mídia televisiva. Este perfil criado para o

personagem negro e com surdez são típicos das telenovelas globais e a cada dia vem sendo fortemente intensificado na teledramaturgia do horário nobre.

Gostaríamos de esclarecer que nossa intenção aqui não é diabolizar a rede globo de televisão, mas trazer essa reflexão para o meio acadêmico em caráter científico. No decorrer da telenovela Cama de Gato, percebemos o quanto a busca pela cura de uma possível perda auditiva envolveu o personagem Tarcísio desde o início da trama. A referida figura nutria o sonho de ser pianista, mas com a possibilidade iminente de ficar surdo o seu desejo de tornar-se um famoso músico, acabaria!

Nesse cenário social,

O surdo [...] é definido por suas características negativas; a educação se converte em terapêutica, o objetivo do currículo escolar é dar a sujeito o que lhe falta: a audição e seu derivado a fala. Os surdos são considerados doentes reabilitáveis e as tentativas pedagógicas são unicamente práticas reabilitatórias derivadas do diagnóstico médico cujo fim é unicamente a ortopedia da fala. Palavras como “reabilitar”, “restituir”, “adestrar”, “dar”, “imitar”, “reforçar”, são frequentes no discurso pedagógico da educação de surdo. As escolas são clínicas ou hospitais que convertem a criança surda mais em um paciente que em um aluno. (SKLIAR, MASSONE; VEINBERG, 1995, p.81)

Destarte estes atores sociais da vida real estão sempre em busca de superar os preconceitos que a sociedade esmagadora de ouvintes lhes impõem. É tarefa árdua tentar romper com este ciclo de humilhações provocado pelas pessoas consideradas “normais” em relação ao surdo e/ou deficiente auditivo, pois tanto na teledramaturgia como na realidade os papéis concernentes à sociedade brasileira são os mesmos, todavia a telenovela baseada na vida real, problematiza o que acontece diariamente em nossas vidas, mas que só ganham visibilidade quando evidenciadas nas telenovelas.

O desespero do personagem Tarcísio diante da hipótese de perder a audição na novela supracitada fica patente nos capítulos seguintes, pois perder a audição mudaria completamente os seus planos.

Desse modo queremos enfatizar o quanto a mídia televisiva pode reforçar ainda mais os mitos criados em torno da surdez e do surdo, dependendo do modo como ela é direcionada.

Entendemos que a vida não pode ser resumida em apenas um órgão do nosso corpo, dessa maneira deduzimos que esta representação idealizada do

surdo negro, cristaliza o preconceito de forma avassaladora no imaginário da população brasileira e, por conseguinte conduz este indivíduo negro e surdo a um lugar de subordinação.

Na novela a surdez é discutida apenas na perspectiva clínica, ou seja, neste cenário o ator representa o surdo não como um ser cultural, mas como deficiente, incapaz e incompleto.

Segundo Vigotsky apud Souza (2000, p.328), “para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras temos que compreender o seu pensamento”. Neste palco da vida real e fictícia estamos a todo instante classificando ou sendo classificados/as, seja pela cor da pele, classe social, surdez, deficiência, opção sexual, religião etc. de um lado os sujeitos ditos “normais” ocupam as posições sociais privilegiadas e do outro os indivíduos tidos como “diferentes” lutam todos os dias para superar os obstáculos de ordem financeira, étnica, social e linguísticas impostos por uma sociedade que se auto afirma como democrática e inclusiva.

De acordo com os capítulos analisados, identificamos o preconceito embutido em várias fala de “Pedro” uma delas apresenta-se no capítulo cinquenta e cinco, quando Pedro chama Tarcísio de “surdinho” e toma os aparelhos auditivos e quando se cansa da “brincadeira” devolve e sai como se nada tivesse acontecido”. O que percebemos é que tais atitudes preconceituosas são vistas com naturalidade por quem presencia o episódio.

A autora Perlin argumenta que,

as relações de poder continuam no que Foucault refere como discurso ou família de conceitos. Os discursos ouvintes são feitos de práticas discursivas marcadas por estereótipos. Os teóricos ouvintistas ditam regras que regulam o que deve ser dito e o que deve permanecer em silêncio.

Ao discutir a citação acima percebemos que apesar de todos os avanços que tivemos, ainda somos oprimidos, não temos o direito de ser negro, de ser surdo, de ser gente. Sendo assim este discurso normalizador, oculta uma batalha que vem se arrastando a anos, forçando uma luta desigual e desumana entre surdos e ouvintes e brancos e negros.

**Pedro  
Ronny Kriwat**



**Fig.2**<<http://camadegato.globo.com/Novela/Camadegato/Personagens/0,,PS2545-17478,00.html>>

O ator escolhido para interpretar Pedro têm o perfil tipicamente europeu, ele é branco, ouvinte, tem olhos azuis, é rico e heterossexual, neste caso o personagem possui todos os elementos biológicos considerados aceitáveis pelas raças superiores em detrimento do surdo negro.

Todos estes traços de negros e surdos, brancos e ouvintes são reforçados cotidianamente pelos meios de comunicação de massa como as telenovelas.

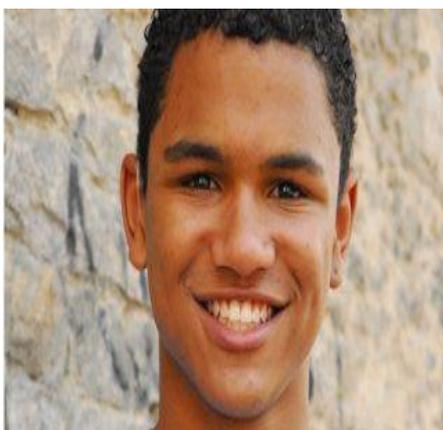
Segundo a autora Adriana Thoma temos,

a mídia como principal formadora de opiniões em nosso tempo, é também uma das principais responsáveis pela imagem social que temos sobre determinados grupos ou sujeitos. Por meio dela, as representações são produzidas e reproduzidas de acordo com os interesses de quem está no comando, dos pertencentes as categorias privilegiadas quando pensamos em relações binárias – neste caso os ouvintes. (p. 127, 2013).

Seguindo está assertiva, faremos uma analogia entre a vida real e a ficcional do sujeito analisado, acreditamos que estas representações estereotipadas do indivíduo surdo negro exibidas na mídia televisão são

pensadas de acordo com a conveniência de quem as produz com o intuito de estimular diariamente a suposta superioridade branca.

Nos capítulos vinte e seis e vinte setes da novela vemos a exaltação de Pedro ao ver sua irmã (Eurídice) conversando com Tarcísio e novamente os rótulos depreciativos vem à tona: “surdinho”, é assim que Pedro refere-se a Tarcísio.



**Fig. 3 – Ator Heslander Viana**



**Fig. 4 Atriz Bianca Salgueiro**

Disponível

em:

<[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/a/a0/Cama\\_de\\_Gato.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/a/a0/Cama_de_Gato.jpg)>

Podemos verificar nas falas de Pedro, que além de depreciar o ser surdo ainda associa a imagem do negro ao crime. Isto pode ser caracterizado como duplo preconceito, cuja ideias racistas ficam explícitas nas cenas analisadas onde Pedro diz:

“Ô surdinho com minha irmã de novo cara? “carrão maneiro! ô surdinho assaltou algum banco foi?”. Nessa cena, além do ator associar a imagem do negro ao crime, não contente, ele (Pedro) o ataca com rótulos pejorativo como: surdinho! Vemos claramente a discriminação e o preconceito manifestado pelo opressor em face do oprimido.

De acordo com os autores WOLTON apud MARTINS,

A televisão [...] é o “espelho” da sociedade. Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê — no sentido mais forte do pronome reflexivo — através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece a todos aqueles que a assistem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete.

Permitindo que cada um tenha acesso a essa representação. (2006:p.124).

Nas mensagens subliminares embutidas no capítulo 52 da trama, confirmamos mais uma vez a interseccionalidade dos conceitos étnico raciais e de surdez, dessa maneira os sujeitos são moldados de acordo com a conveniência do opressor materializando-se na incivilidade humana.

No mesmo capítulo Tarcísio confessa que está cansado de tantas humilhações [...] desabafa dizendo: “num sei de que eles acham tanta graça, já não basta eu ter que viver com medo de deixar de ouvir de uma vez”. Analisando a frase acima nos perguntamos porque é tão assustador para o personagem a ideia de ficar surdo?

O grupo Upias citado por Picollo e Mendes (2013) nos respondem,

Os deficientes já sabem muito bem o que é se sentir pobre, isolado, separado, discriminado, marginalizado e oprimido melhor do que qualquer especialista poderia julgar. Vivemos na carne essa experiência todos os santos dias de nossa existência. Nós, como União que somos, não estamos minimamente interessados em discussões sobre como é terrível ser desativado. O que interessa neste momento é projetarmos formas para alterar nossa condição de vida e assim superar as deficiências impostas sobre nossa desorganização anátomo-fisiológica por uma sociedade que está altamente organizada para nos excluir. Em nossa opinião é somente o prejuízo real que temos que aceitar, a citar, algumas limitações funcionais que exercem um inegável efeito em nossas vidas. (p.469) (Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>)

A citação acima descreve em poucas palavras o que é ser “desativado”, “bloqueado” da sociedade por não pertencer ao modelo ideal produzido por ela.

Nas cenas seguintes do capítulo 55 - Pedro diz: a sua avó Adalgiza que Eurídice está namorando com um “surdinho” e ela muito preconceituosa discute com Eurídice na tentativa de impedir esta união, (aqui percebemos que o preconceito se manifesta pela dupla diferença, tanto pela surdez quanto pela classe social) isso ocorre por a adolescente pertencer a uma família aristocrática.

De acordo com Gomes (2002, p.43),

a identidade negra é entendida aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um grupo étnico racial,

sobre si mesmos a partir da relação com o outro, (...) construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente, ensina aos negros desde muito cedo, que é preciso negar-se para ser aceito é um desafio enfrentado pelos negros e negras brasileiras”.

No mesmo capítulo Pedro se dirige mais uma vez a Tarcísio o chamando de “surdinho” sendo assim, a frequência com que esta expressão se apresenta denota o altíssimo grau de preconceito vinda da parte de Pedro, isto se repete para dar ênfase as situações constrangedoras vivenciadas pelos surdos. Nesta circunstância fica claro o enorme preconceito existente em relação ao surdo.

Segundo a autora Witkoski (2009, p.574) podemos inferir que

o preconceito acarreta a perda do respeito pela pessoa humana. [...] faz com que certas pessoas sejam estigmatizadas, sofrendo humilhações e violências, que podem ser impostas com sutileza ou relativo disfarce ou então de maneira escancarada, mas que em qualquer circunstância são negações do respeito devido à dignidade de todos os seres humanos. [...] O preconceito introduz a desigualdade. [...] Em consequência dos preconceitos, as pessoas direta ou indiretamente atingidas por eles são julgadas negativamente e colocadas em situação de inferioridade social [...] O preconceito estabelece e alimenta a discriminação. [...] a qual nenhuma pessoa vale mais do que a outra [...]. A par disso, onde atua o preconceito não importam os méritos, as aptidões, o valor moral e intelectual. [...] O preconceito cria superioridades e inferioridades.

Ao passo das escolhas das categorias, destacamos a classe social evidenciada também na fala de Pedro no capítulo 16 onde ele diz: “Fica longe da minha irmã, ela não é da tua laia, ô filhote de faxineira”.

São termos depreciativos que estremecem a auto estima de Tarcísio, diante de tantos desafios Tarcísio descobre que o seu problema auditivo consiste em uma doença conhecida por otosclerose e necessita de uma intervenção cirúrgica chamada estapedectomia; primeiro realizar-se à a cirurgia em um ouvido depois de um ano no outro ouvido. Assim foi feito.

Próximo das cenas finais da trama a cirurgia ocorre com sucesso. Todavia, a doença reincidiu e quando isso ocorre o processo é irreversível E foi o que aconteceu. Pouco tempo depois o ouvido que havia sido operado foi considerado em estado irremediável.

Diante dessa situação difícil não restava outra alternativa a não ser operar o outro ouvido na tentativa de conservar a audição, nos capítulos subsequentes 145 e 146 o implante coclear foi realizado com sucesso.

Na época da exibição da telenovela os profissionais da área médica e da Maria Cecília de Moura e Marcus Vinicius B. Nascimento e da educação discutiram sobre as cenas exibidas do capítulo cento e quarenta e cinco e cento e quarenta e seis, vamos conferir o que diz a matéria para que possamos analisar como a mídia pode passar informações equivocadas para os telespectadores gerando conflitos ainda mais acirrados.

Segundo os profissionais supracitados (2010),

Uma polêmica recente envolveu o personagem Tarciso, adolescente surdo, da novela Cama de Gato. Embora o personagem faça uso de aparelho e oralidade, representantes da área médica consideram que a Rede Globo, por sua enorme influência junto à população, deveria abordar na novela a possibilidade do implante coclear. Isto não seria um problema, se não fosse a justificativa dada, qual seja, a de que a Língua de Sinais é um retrocesso na vida dos surdos. Profissionais de fonoaudiologia, de educação e também da área médica ligados à comunidade surda posicionaram-se contra essas declarações. [...] Fatos atuais na mídia brasileira colocam em debate essas concepções. De um lado, a exaltação do implante coclear como recurso definitivo contra a surdez, afirmações de que a surdez incapacita e que o uso da Libras é um retrocesso [...] neste sentido, a diversidade é banida e a homogeneidade, almejada a qualquer custo, para que o cidadão não precise se preocupar em lidar com as diferenças. Mas isso é uma grande violência psíquica, um abuso contra o indivíduo que vê retirada a sua possibilidade de se organizar, de se compor e de se expressar da forma que desejar [...]. Que os poderes médico, político e econômico, apoiados pela força da mídia televisiva e jornalística (que, por sua vez, é governada pelas forças políticas e econômicas também), percebam sua tirania e permitam que possamos ver o surdo como cidadão e não como um deficiente/incapacitado a ser consertado. Quando a liberdade é retirada, o abuso se estabelece. Se as bocas são caladas, pouco poderá ser feito.

(disponível em: <http://www.ifono.com.br/ifono.php/relacoes-de-poder-envolvendo-a-surdez>)

Por isso, a sensibilização é importante para a compreensão de que os surdos são normais dentro dos seus próprios limites, pois todas as pessoas sejam homens ou mulheres são diferentes, seja no tipo físico, na cor dos olhos, dos cabelos, da etnia/raça, mas são pessoas comuns como todas as outras.

No último capítulo da telenovela Tarcísio fica “curado” e sua professora de piano organiza um concerto para a estreia do mais novo pianista, este momento acontece no capítulo 161 e todos ficam encantados com o talento do rapaz, ao vê-lo tocar, toda a plateia aplaude de pé e Tarcísio comemora a cura parcial da deficiência auditiva.

Nesta última etapa da pesquisa fizemos o tratamento dos resultados na qual houve a junção da análise com o corpus teórico pertinente a pesquisa. O trabalho desenvolvido até o presente momento traz uma abordagem sobre as categorias abaixo citadas, dispostas numa ordem para melhor identificar os elementos que foram analisados.

<b>Categorização</b>		
Classe Social	Raça	Deficiência
Filhote de faxineira	É negro	Surdinho

O debate girando em torno da representação do negro surdo na telenovela supracitada e com a técnica da análise do discurso sob a luz de Bardin, permitiu identificar os tipos de conceitos, surdez, raça, classe social, comportamentos e hábitos que foram socialmente construídos e que incidia sobre o personagem negro presente em cada um dos capítulos da trama.

O quadro acima com a categorização apresenta dados sobre o desdobramento da pesquisa evidenciando os pontos que foram analisados na telenovela Cama de Gato. Examinamos com minúcia as falas dos personagens e suas respectivas características para obter os elementos necessário para o desenrolar da pesquisa.

Para entendermos melhor essa discussão voltaremos nossa atenção para as ideologias do branqueamento, da democracia racial e do racismo e da concepção de corpo perfeito.

A partir da fundamentação teórica baseada nos autores apontados nesta pesquisa, fomos capazes de detectar fatos, mitos e preconceitos que cercam a figura do negro e do surdo até os dias atuais.

De acordo com Beauvoir, (2011, p.181-183) “ a representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens, eles o descrevem, do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com verdade absoluta”

Como podemos observar, é essencial refletir sobre as relações de poder e o surgimento histórico da supremacia branca ouvinte, frente ao povo negro e ao surdo. Esta complexa relação entre negros e não- negros e entre surdos e ouvintes há muito tempo vem sendo objeto de estudo de pesquisadores,

historiadores, sociólogos entre outros por entender que esta relevante temática oferece múltiplas possibilidades de interpretação.

Seguindo esse pressuposto uma das funções desta pesquisa foi desvendar o que está oculto nas entrelinhas dos capítulos analisados, trazendo a tona os pérfidos discursos dogmaticamente organizado sobre a democracia racial, o racismo, o preconceito e a discriminação referentes a cor da pele e a deficiência auditiva retratados na telenovela analisada.

Acerca dessa questão Munanga (1984, p.39-49) discorre,

O etnocentrismo torna-se perigoso quando transformado numa arma ideológica a serviço do imperialismo (...), os filósofos iluministas, ao criar uma ciência geral do homem, não apenas incorporando viajantes dos séculos anteriores sobre negros e outros povos diferentes dos europeus, como também reforçam esses mitos, transformados em teses e verdades científicas. A justificativa científica da pretendida superioridade do branco sobre outras raças culminou, entre outros com as idéias do inglês Knox, 1850, do francês Gobineau, 1853-55. O primeiro criou o mito racial de gênio saxão, o segundo o mito do gênero ariano. Ambos os mitos tinham uma finalidade ideológica (...), em ambos os casos, as raças diferentes eram relegadas a uma posição inferior como símbolos dos elementos primitivos e não- criativos na natureza humana, e conseqüentemente, incapazes de democracia ou responsáveis por elas.

Assim como bem enfatizou Munanga, a incorporação desses mitos na sociedade deixou sequelas para a história e para o povo de origem africana, no sentido de desvalorizar a sua cultura, suas crenças, a cor de sua pele, seu cabelo e outros atributos que lhe são peculiares.

Desta feita, percebemos que as ideologias da democracia racial, do racismo e do branqueamento foram produzidas e/ou reproduzidas de acordo com os interesses da hierarquia europeia com o intuito de permanecer como raça superior.

## 5. CAPITULO IV

### A representação do negro surdo em **Cama de Gato**: análise de capítulos



Fig. 1- Símbolo da novela Cama de gato  
[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/a/a0/Cama\\_de\\_Gato.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/a/a0/Cama_de_Gato.jpg)

#### Dados sobre a novela **Cama de Gato**

Ano de lançamento: 2009

Horário de transmissão: 18h

Classificação etária: mínimo 10 anos

Autor: Duca Rachid e Thelma Guedes

Direção: Amora Mautner

Tema de abertura: Pelo Avesso, Do grupo Titãs.

Elenco principal: Marcos Palmeira, Paola Oliveira, Camila Pitanga, Carmo Dalla Vecchia, Heloísa Perissé, Marcello Novaes, Dudu Azevedo.

Camila Pitanga	Rose
----------------	------

Marcos Palmeira	Gustavo
Carmo Dalla Vecchia	Alcino
Paola Oliveira	Verônica
Dudu Azevedo	Roberto
Raquel Fuina	Glória
Heslander Vieira	Tarcísio
Rainer Cadete	Nuno
Heloísa Perissé	Taís
Marcello Novaes	Bené
Isabela Garcia	Mari
Ailton Graça	Tião
Ângelo Antônio	Davi Brandão
Yoná Magalhães	Adalgisa
Paula Burlamaqui	Sofia
Ronny Kriwat	Pedro
Bianca Salgueiro	Eurídice
Rafael Miguel	Juca
Tony Tornado	Péricles
Tânia Costa	Bruna
Pedro Paulo Rangel	Ferdinando
Suely Franco	Julieta
Rosi Campos	Genoveva
Emanuelle Araújo	Heloísa
Marcella Valente	Suzana
Norma Blum	Irmã Andréia
Marcella Rica	Luli
Julyana Garcia	Regina
Gustavo Maya	Francisco
Paulo Goulart	Severo
Daniel Boaventura	Sólon

Sinopse:

Gustavo Brandão é o dono da empresa Aromas, pela sua arrogância, prepotência e jeito rude com os pobres e todos aqueles que o cercam, ficou conhecido como o Imperador. Gustavo Brandão teve uma origem humilde, foi humilhado por seu atual sogro e jurou crescer e se tornar um homem poderoso, para que todos que desfizeram dele tivessem que voltar atrás. Gustavo cresceu e se tornou uma pessoa ruim que se afastou de todos, mas num dia, seu melhor amigo, Alcino, decidiu mandá-lo para um lugar deserto, com o consenso de Verônica e Davi, para que o amigo relembresse suas origens e voltasse a ser o velho Gustavo de antes. As coisas não saíram como planejadas, pois Verônica aproveitou a chance para dar um fim no marido e ficar com sua fortuna; Gustavo conseguiu se salvar, mas entendeu tudo errado e acha que seu amigo de infância tentou matá-lo e fará de tudo para se vingar e conseguir de volta tudo que era seu! Gustavo Brandão contou com um anjo em sua vida, Rose, uma faxineira que escutou a armação e foi a primeira a descobrir que Gustavo estava vivo e lhe estender a mão, além dela, Gustavo contou com a ajuda de Domenico, um catador de lixo muito misterioso que ajudou Gustavo a perceber as ciladas que estava caindo e a levantar a cabeça e colocar a mão na massa! Gustavo perceberá ao longo do seu difícil caminho que o amor é o bem mais precioso que pode ter, além de descobrir que estava cercado de lobos, em pele de cordeiro e acabou afastando os verdadeiros amigos.

(CAMA DE GATO. Disponível em: <http://www.novelasdaglobo.com/cama-de-gato-2/> )

## 6. Considerações Finais

Apresentamos neste trabalho reflexões sobre a dupla diferença no mesmo indivíduo e como o preconceito e discriminação está inserido em nosso cotidiano as vezes maquiado por tons sarcástico e por vezes explícitas com intuito de menosprezar o outro.

Esse racismo disfarçado pôde ser identificado nas cenas da novela a qual fizemos uma leitura minuciosa das mensagens subliminares para percebemos como as desigualdades sociais e as consequências dela afetam a vida da população negra e da comunidade surda. O preconceito é aquilo que resulta do racismo e ele se revela através de estereótipos, estigmas, exclusões entre outros conceitos forjados sobre essas categorias e está presente em vários âmbitos da sociedade.

Percebemos que o preconceito e a discriminação propiciam novas funções, uma delas é manter separado negros de brancos, surdos de ouvintes como se os mesmos não pertencessem a mesma sociedade. Entendemos através da pesquisa que o preconceito é um instrumento utilizado pela classe dominante para continuar usufruindo de privilégios em detrimento do outro.

Todavia, negros e surdos continuam resistindo e lutando pelo reconhecimento da sua cultura. Tal reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais e nativas e recuperar suas histórias.

Paulatinamente eles estão inserindo-se nos meios sociais, culturais, científicos, literários etc., mas ainda resta muito a ser feito para humanizar a sociedade.

Devemos interpretar a história do negro e do surdo não como subproduto do meio, mas sim aceita-los como seres humanos diferentes em suas singularidades, mas iguais nos seus direitos, é de fundamental

importância nos desamarmos, nos despirmos de toda e qualquer ideia racista e preconceituosa para que possamos inverter esse fenômeno social chamado preconceito que contamina a tudo e a todos por onde ele passa.

## 7. Referências

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4 ed., v. 1. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970. Tradução de Sérgio Milliet. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 10 de set. de 2014.

BRASIL. **LEI 10.639/03** Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis\\_2003/10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis_2003/10.639.htm) Acesso em: 12 de Nov de 2014.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em 14 de novembro 2014.

**CAMA DE GATO**. Disponível em: <http://www.novelasdaglobo.com/cama-de-gato-2/> Acesso em: 20 de Nov de 2014

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n19\\_20\\_p165.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf)>. Acesso em: 16 de set. de 2014.

Disponível em: Sinopse da telenovela Cama de Gato <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cama\\_de\\_Gato\\_\(telenovela\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cama_de_Gato_(telenovela))> Acesso:15 de nov de 2014.

FERNANDES, Florestan. **Significado do projeto do negro**. São Paulo: Cortez, 1989. (coleção polêmicas do nosso tempo v. 33)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 25 de out. de 2014.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>>. Acesso em: 29 de out. de 2014.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

**Maria Cecilia de Moura e Marcus Vinicius B. Nascimento**. Disponível em: <<http://www.ifono.com.br/ifono.php/relacoes-de-poder-envolvendo-a-surdez>> Acesso: 15 de nov de 2014.

MUNANGA, Kabengele. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. In: **Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde**, 1984, v.1, n. 1, p. 39-47

MOURA, Maria Cecília; NASCIMENTO, Marcus Vinicius B. Relações de poder envolvendo a surdez. Disponível em: <http://www.ifono.com.br/ifono.php/relacoes-de-poder-envolvendo-a-surdez> Acesso em: 29 de out. de 2014

PERLIN, Gládis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

RELATÓRIO DO GRUPO DE TRABALHO, DESIGNADO PELAS PORTARIAS Nº1. 060/2013 E Nº91/2013, CONTENDO SUBSÍDIOS PARA A POLÍTICA LINGUÍSTICA DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE – **Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. 2014. Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513) Acesso: 15 de out. de 2014.

SANTOS, Natália Neris da Silva. **Ideologia do branqueamento, ideologia da democracia racial e as políticas públicas direcionadas ao negro brasileiro**. N. 19- set./ out./ nov./ dez. 2009. Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/6400>>.

Acesso em: 30 de out. de 2014.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: \_\_\_\_\_. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STAINBACK, Susan ; STAINBACK, William. **Inclusão**: um guia para educadores.

Porto Alegre: Artmed, 1999.

TELLES, Edward E. The **Significance of Skin Color in Brazil**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004. Tradução de Ana Arruda Callado. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles/livro-O-Significado-da-Raca-na-Sociedade-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 14 de nov. de 2014.

THOMA, A. S. **Surdos**: esse “outro” de que fala a mídia. In Skliar Carlos (org) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)> Acesso: 10 de nov. de 2014.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. **Surdez e preconceito**: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 42 set./dez. 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a05.pdf>> Acesso: 14 de nov. 2014.